

Muros que falam: comunicação marginal na cidade em contextos de rupturas democráticas ¹

Júnia Mara Dias Martins ²

Resumo: *Alijada de representação efetiva nos mass media, a voz das minorias sociais se inscreve nos espaços urbanos e pede atenção. O presente artigo analisa essa comunicação marginal em períodos de rupturas democráticas na América do Sul. Sob abordagem dialética, análise qualitativa e utilização de jornais de forma documental, o estudo traz Henri Lefebvre e José D'Assunção Barros como autores principais. Acredita-se que as mensagens expostas na cidade em forma de pichações, lambes ou grafites podem ter caráter noticioso, artístico ou de denúncia social; exigindo, assim, um olhar de maior compreensão científica.*

Palavras-Chave: *Comunicação marginal. Cidade. Democracia. Grafite. Folkcomunicação.*

Introdução

Ao longo das décadas, as Ciências da Comunicação têm pautado como objetos de pesquisa diversos elementos midiáticos dispersos no cotidiano – textos jornalísticos, quadrinhos, filmes, materiais em áudio, fotografias, cartazes, propagandas e outros conteúdos audiovisuais. Entre os conteúdos analisados, nem sempre a estética da cidade em si, no âmbito dos seus discursos periféricos, é vislumbrada como *medium*, como instrumento catalisador da reflexão e leitura de mundo.

Acreditamos que as mensagens deixadas nas paredes da cidade sejam um desses instrumentos potencializadores de reflexão normalmente desprezados, elas subentendem uma racionalidade na prática comunicativa, no uso de linguagem própria e argumentos que incitam a crítica (HABERMAS, 2012). Em forma de textos imagéticos ou escritos, as mensagens nas paredes urbanas decerto incitam mais que pura intervenção do autor no espaço público, podem simbolizar um grito individual ou coletivo; podem refletir o pensamento e as inquietações de determinados grupos socioculturais, as questões silenciadas pelos *mass media*, as formas de resistência, as tentativas de contrapoder – visto que “toda comunicação é comunicação de algo,

¹ Artigo apresentado na DTI 13 - Folkcomunicação do XVI Congresso IBERCOM, Departamento de Comunicação, Faculdade de Comunicação e Linguagem, Pontificia Universidad Javeriana, Bogotá, Colômbia, 27 a 29 de novembro de 2019.

² Professora do Departamento de Comunicação da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), graduanda do curso de Direito pela mesma universidade. Mestra em Comunicação pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Email: juniamartins@uern.br.

feita de certa maneira em favor ou na defesa, sutil ou explícita, de algum ideal ou contra algo e contra alguém, nem sempre claramente definido”. (FREIRE, 2011, p. 136).

Neste ínterim, pressupomos que o grafite, o lambe-lambe³ e a pichação funcionam similarmente como protesto ou simplesmente como válvula de escape para aqueles que também querem pulsar de algum modo nas veias da cidade; numa espécie de movimento contracultural dotado de maior ou menor consciência política, mas sempre buscando a expressividade, o comunicar-se.

O conteúdo aqui apresentado é tangente às análises desenvolvidas pelo Projeto de Pesquisa Muros Que Falam⁴, coordenado pela autora e sediado na Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), em Mossoró-RN, nordeste do Brasil. O projeto, iniciado em 2018, visa o mapeamento e análise dos discursos dispostos em forma de lambe, pichação ou grafite registrados no espaço urbano. Em sua primeira etapa, a pesquisa teve foco nas mensagens encontradas na cidade de Mossoró-RN; na etapa atual, contudo, as análises se estendem a mensagens registradas em qualquer lugar do Brasil e do mundo. A intenção é mapear e perceber o caráter noticioso, artístico e de denúncia social desses conteúdos.

Para compor a estrutura teórica, utilizamos como base o conceito da “cidade como texto”, a partir dos escritos de José D’Assunção Barros (2011), e a noção de espaço preconizada por Milton Santos (2006). A dialética passível de ser percebida nas mensagens pesquisadas, por sua vez, ganha ressonância na microssociologia do cotidiano delineada por Henri Lefebvre (1999; 2001); enquanto o vínculo entre estética, política e comunicação está abalizado nos estudos de Jürgen Habermas (2011). Já a folkcomunicação se faz intrínseca ao corpo de todo o conteúdo, reafirmando o saber popular como mídia dos socialmente marginalizados a partir da teoria de Luiz Beltrão (2001).

O método de abordagem utilizado pelo Muros Que Falam é o dialético; enquanto o de procedimento é o etnográfico, com análise qualitativa. As plataformas *Instagram*⁵ e *Facebook*⁶

³ Conhecido popularmente como “lambe”. A técnica consiste em colar pôsters no espaço público. Esse pôster normalmente tem tamanho de papel A3 ou A4, no qual é impressa, pintada ou grafada mensagem textual e/ou imagética.

⁴ Projeto vinculado ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC).

⁵ No *Instagram*, todas as fotografias postadas apresentam legenda com texto de descrição de imagens para cegos.

⁶ Perfil nas duas plataformas: @muros_quefalam. As imagens publicadas são de autoria da equipe do projeto ou de usuários que interagem, enviando seus registros.

são os principais meios de divulgação das mensagens analisadas pelo projeto (@muros_quefalam).

Neste artigo, expomos inicialmente o contexto de rupturas democráticas em alguns países da América do Sul, para que haja melhor compreensão da conjuntura em que as mensagens dos pixos, lambes e grafites estão inseridas. **Antes de abordarmos o Projeto Muros Que Falam, trazemos, todavia, uma breve explanação sobre o conceito de cidade; aqui pensada** como a materialização da sua própria história e, por assim ser, visualizada num fazer-se contínuo, inacabado, caótico. Supomos que as inscrições nas paredes, decerto, refletem parte deste caos.

Lançamos a hipótese de que, em períodos de crise social, política e/ou econômica, as mensagens fixadas nas ruas tendem a refletir ainda de forma mais intensa os pensamentos e contestações dos indivíduos; funcionando como meios públicos e populares de comunicação. Tal cenário exige um olhar de maior compreensão científica, no entendimento de que o recorte local, microsociológico, pode encontrar discursos semelhantes no nível macro.

1. A crise da social-democracia

Em seu último artigo publicado⁷ no jornal *El País*, a filósofa Ágnes Heller (2019)⁸ mostrou-se preocupada com o autoritarismo de Viktor Urban, primeiro-ministro húngaro que foi eleito, por três vezes consecutivas, sustentando um discurso xenofóbico e baseado na etnia. Urban também tem travado uma batalha contra a cultura e o conhecimento, intervindo no conteúdo didático das escolas, nas pesquisas científicas e na nomeação de líderes das universidades. Heller, que postulava que o Estado de direito não deve se centrar somente no voto, pontuou como a atual conjuntura húngara pode representar um perigo à democracia na Europa. A esse sistema adotado na Hungria, a filósofa não nominou nem de democracia, nem de ditadura, e sim, de tirania.

⁷ HELLER, Ágnes. Por que a Hungria se rendeu ao extremista Orbán e como controlar o ensino é essencial para seu projeto. *El País*. Madrid, 23 mai 2019. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/18/actualidad/1555585620_542476.html. Acesso em 14 ago. 2019.

⁸ Uma das maiores influenciadoras do pensamento do século XX, Agnes Heller era conhecida como filósofa da vida cotidiana. Faleceu em julho de 2019.

O sucesso do governo tirânico na Hungria, segundo Heller, tem como uma das prerrogativas a não identificação do indivíduo pobre, por exemplo, com uma classe social. A perda desta sensação de pertença implica no esvaziamento das lutas de classes e na ineficácia de *slogans* costumeiros que ofereciam a renovação de um Estado de bem-estar social. Promessas de empregos, melhores salários e distribuição de renda parecem já não atrair grande parte dos eleitores, os quais, em meio à instabilidade do sistema, se apoiam em ideologias de cunho nacionalista, de defesa da cristandade, de uma identidade tradicional e de ódio aos imigrantes.

A crise da social-democracia é uma realidade. E ela vem acompanhada, entre outras coisas, da desaceleração econômica, da perda da confiança nas instituições de poder legitimadas, da crescente polarização ideológica. O modelo tirânico de governar, consentido por maioria dos eleitores que o legitimam através do voto, pode ser observado em conjunturas políticas contemporâneas ao redor do mundo. É o caso de muitos países da América do Sul, que têm vivido períodos de turbulências, conflitos e incertezas.

No Equador, onde o dólar é a moeda oficial, o presidente Lenín Moreno fez um acordo com o Fundo Monetário Internacional (FMI), em meados de setembro deste ano, a fim de conseguir um empréstimo de US\$ 4 bilhões⁹. Para tanto, aplicou uma série de ajustes fiscais, entre eles, o corte dos subsídios dos combustíveis, provocando consequente aumento do preço desses para a população. O aumento desencadeou uma onda de protestos pelo país, trazendo à tona a insatisfação dos equatorianos em relação a outras questões propostas por Moreno, como a reforma trabalhista, por exemplo. Mesmo com a decretação de estado de exceção, toque de recolher e violenta repressão militar, os manifestantes intensificaram os protestos e, após mais de 10 dias de manifestações nas ruas, conseguiram a revogação do decreto sobre os combustíveis. Os indígenas tiveram participação especial neste processo. Mais de 30 mil deles seguiram para Quito, pressionando o governo a repensar suas ações e criar medidas protetivas às classes mais vulnerabilizadas.

⁹ MANIGLIO, Francesco; SILVA, Rosimeire Barboza da. Revolução contra as medidas do FMI no Equador. **Brasil de Fato**. 10 out. 2019. Disponível em <https://www.brasildefato.com.br/2019/10/10/opiniao-or-revolucao-contra-as-medidas-do-fmi-no-equador>. Acesso em 20 out. 2019.

Já o Peru tem vivido a maior crise política da sua história¹⁰. Todos os presidentes eleitos neste século estão sob investigação por envolvimento em algum esquema de corrupção. A tensão no país se intensificou no último 30 de setembro, quando o então presidente Martín Vizcarra dissolveu o Congresso, utilizando como base um artigo constitucional¹¹, suspendendo o mandato dos parlamentares e convocando uma nova eleição legislativa a ser realizada no início de 2020. Como resposta ao ato, o Congresso decidiu pela suspensão de Vizcarra por um ano, alegando sua incapacidade moral e nomeando a vice-presidenta do Parlamento, Mercedes Aráoz, como presidenta interina do país. Aráoz, contudo, renunciou ao cargo um dia após sua nomeação e pediu novas eleições. Como a decisão da suspensão do presidente foi tomada quando o Congresso já estava dissolvido, não teve validade, o que culminou no retorno de Vizcarra à presidência, apoiado pela Polícia e pelas Forças Armadas peruanas.

Turbulências políticas que colocam a democracia em xeque também se estendem pelo Paraguai. Uma ata secreta que firmava um acordo entre o presidente paraguaio Mario Benítez e o do Brasil, Jair Bolsonaro, foi descoberta e provocou indignação na população. O acordo previa a compra de energia elétrica da Usina de Itaipu pelo Paraguai, que pagaria ao Brasil um adicional de US\$ 50 milhões por ano até 2023. Ao ser ameaçado de impeachment, Benítez recuou e anulou o acordo¹². Atos pontuais de recuo de medidas tomadas pelo Executivo parecem, contudo, atenuar, mas não sanar a insatisfação dos populares. E essa não é uma característica limitada ao contexto paraguaio.

Enquanto as linhas deste artigo são escritas, uma revolução acontece no Chile, país que se fez palco da primeira experiência política neoliberal da América do Sul. Já foram contabilizados 18 mortos¹³ durante os protestos, que se estendem por uma dezena de dias. Embora o estopim do conflito tenha sido o aumento da tarifa do metrô, provocando a insurgência dos alunos secundaristas, as manifestações têm demonstrado a reprovação do

¹⁰ FIGUEIREDO, Danniell. Crise no Peru: o que está acontecendo? **Politize!** 21 out. 2019. Disponível em <https://www.politize.com.br/crise-no-peru>. Acesso em 22 out. 2019.

¹¹ Artigo 134 da Constituição peruana, onde se lê que “O Presidente da República está facultado a dissolver o Congresso se este tiver censurado ou negado sua confiança a dois Conselhos de Ministros (...).”

¹² CARNERI, Santi. Presidente paraguaio anula acordo com o Brasil para evitar impeachment. **El País**. 01 ago. 2019. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/01/internacional/1564674648_241391.html. Acesso em 14 ago. 2019.

¹³ O GLOBO. Número de mortos em protestos no Chile chega a 18, incluindo um menino de 4 anos. **O Globo**. 23 out. 2019. Disponível em <https://oglobo.globo.com/mundo/numero-de-mortos-em-protestos-no-chile-chega-18-incluindo-um-menino-de-4-anos-24036443>. Acesso em 24 out. 2019.

chileno ao sistema hegemônico neoliberal. Tal sistema provocou no país a privatização de serviços básicos como saúde e educação, precariedade do sistema previdenciário, perdas de direitos trabalhistas, maior concentração de renda e diminuição do poder aquisitivo da classe média¹⁴.

Greve geral, incêndios, afrontamento a bancos privados e apresentações artísticas em meio às zonas de conflito foram algumas das respostas dadas, pelos manifestantes chilenos, à truculência do exército nas ruas, ao toque de recolher e à política neoliberal continuada pelo então presidente Sebastián Piñera. Pressionado, Piñera pôs fim ao estado de exceção, anunciou mudanças ministeriais e disse se comprometer com uma agenda social. Mas os chilenos não saíram das ruas – eles exigem uma Assembleia Constituinte que abandone a herança deixada pelo regime de Pinochet e garanta condições básicas de vida aos seus cidadãos, a partir de um Estado de bem-estar social.

“Apesar das diferentes motivações em cada país, os acontecimentos na América do Sul, como no Equador e no Chile, têm causas comuns (...) Há baixo crescimento econômico, desigualdades sociais persistentes e desconfiança da população com as elites políticas e econômicas”, afirma o cientista político Gaspard Estrada (2019)¹⁵. Nesse sentido, os protestos em vários países da América do Sul, em diferentes níveis, encontram eco no coletivo das ruas e no levantamento de demandas comuns sobressalentes em meio à crise de representatividade. Isso realça um cenário de exigências similares por parte de populações de países distintos, mas nem sempre com fácil identificação das lideranças desses movimentos – visto o descrédito do cidadão nas instituições e partidos. No Brasil, a situação não se mostra dessemelhante.

Em 2013, enquanto o mundo vivia uma crise econômica internacional, que também atingiu o Brasil, muitos brasileiros foram às ruas de capitais do país em protesto ao aumento das tarifas do transporte público. As manifestações, que começaram de forma esparsa ainda no ano de 2012, aos poucos foram intensificadas e se estenderam por 2014 com a soma de mais participantes e de uma diversidade de temas, como os gastos na Copa, a corrupção política, a violência de gênero, a precariedade dos serviços públicos, entre outros. Foi, então, em 2014,

¹⁴ UCHÔA, Marcela. Chile: crise no paraíso neoliberal. **Público**. 25 out. 2019. Disponível em <https://www.publico.pt/2019/10/25/mundo/opiniao/chile-crise-paraíso-neoliberal-1891446>. Acesso em 26 out. 2019.

¹⁵ BARROCAL, André. Economia e Brasil ajudam a explicar turbulências na América do Sul. **Carta Capital**. 28 out. 2019. Disponível em <https://www.cartacapital.com.br/mundo/economia-e-brasil-ajudam-a-explicar-turbulencias-na-america-do-sul>. Acesso em 28 out. 2019.

que a crise da democracia ficou mais fortemente marcada no Brasil. No mesmo ano, a Operação Lava Jato¹⁶ passou a ser notícia recorrente nos jornais.

A ampla divulgação da Lava Jato pelos *mass media*, com denúncias de corrupções políticas e vazamentos de áudio, estimulou ainda mais a ida dos brasileiros às ruas; muitos deles adotaram as cores verde e amarela como símbolo de patriotismo, aversão ao comunismo e à esquerda política. A Operação contribuiu para a impopularidade da então presidenta reeleita Dilma Rousseff, que acabou sofrendo impeachment, em agosto de 2016, acusada de crime de responsabilidade fiscal. Em seu lugar, assumiu o vice Michel Temer, político em consonância com a agenda dos grupos financeiros e políticos neoliberais. O Golpe de 2014¹⁷, como ficou conhecido o afastamento de Dilma, parece ter dado espaço para maior fragilidade da democracia, mas não é o único acontecimento que reforça essa assertiva.

Em 2017, um ano antes das eleições presidenciais, o juiz Sérgio Moro condenou Luiz Inácio Lula da Silva, então líder nas pesquisas para presidente da República, a nove anos e seis meses de prisão¹⁸. Acusado de corrupção passiva e lavagem de dinheiro, condenado mesmo sem provas do crime, o ex-presidente Lula se entregou à Polícia em abril de 2018. No cárcere e impossibilitado de concorrer à presidência, Lula apoiou o ex-prefeito de São Paulo, Fernando Haddad, nas campanhas eleitorais. Haddad chegou ao segundo turno das eleições, porém, foi vencido pelo candidato da extrema-direita Jair Bolsonaro. Sérgio Moro ocupa, hoje, o cargo de

¹⁶ Os procedimentos tomados pela Operação Lava Jato foram colocados sob suspeita depois das investigações lideradas pelo premiado jornalista Glenn Greenwald. Em parceria com jornais de diferentes linhas editoriais, Glenn tem divulgado conteúdos de interesse público que comprovam ações da Lava Jato direcionadas a afastar Lula da Presidência da República. Essas informações foram obtidas por meio de acesso a áudios de diálogos mantidos no aplicativo Telegram, envolvendo partícipes da Operação Lava Jato. Publicados pela equipe de Glenn, os áudios também comprovam, entre outras coisas, a troca de informações confidenciais entre procurador e juiz do processo (Deltan Dallagnol e Sérgio Moro) e a proteção de determinados correligionários políticos, que foram poupados de investigações de corrupção.

¹⁷ RUFFATO, Luiz. O golpe contra Dilma Rousseff. **El País**. 01 set. 2016. Disponível em https://brasil.elpais.com/brasil/2016/08/31/opinion/1472650538_750062.html. Acesso em 14 ago. 2019.

¹⁸ Em outro processo, relacionado a recebimento de propina para a reforma de um sítio em Atibaia, a juíza Gabriela Hardt, substituta de Moro, condenou Lula a 12 anos e 11 meses de prisão. O Ministério Público Federal (MPF) mais tarde reconheceu, contudo, que o sítio não pertencia a Lula, e sim ao empresário Fernando Bittar. (REVISTA FÓRUM. MPF reconhece que dono do sítio de Atibaia é Fernando Bittar e autoriza venda do imóvel. **Revista Fórum**. 27 mai. 2019. Disponível em <https://revistaforum.com.br/politica/mpf-reconhece-que-dono-do-sitio-de-atibaia-e-fernando-bittar-e-autoriza-venda-do-imovel>. Acesso em 14 ago. 2019).

Ministro da Justiça do governo Bolsonaro; enquanto Lula segue encarcerado, considerado preso político¹⁹.

Todo esse cenário de rupturas democráticas ao redor do mundo tem encontrado nas ruas da cidade um palco de reclames e visibilidade. Muitos dos temas deturpados ou silenciados pela grande mídia são externados por agentes sociais que ocupam a pólis e inscrevem seus textos nas paredes, postes, calçadas. Esses textos, com diversas formas e formatos, podem constituir uma comunicação, uma mídia em mãos de marginalizados sociais (BELTRÃO, 2001), os quais usam o espaço citadino para ecoar a sua voz, poesia, arte, indignação. Muito além da verticalidade do concreto, é também a cidade o lugar de exposição, sedimentação e questionamento dos pensamentos individual e coletivo.

2. Sobre a cidade

Se nos pedissem para fecharmos os olhos e imaginarmos uma cidade, possivelmente as primeiras imagens que nos viriam à mente estariam ligadas à arquitetura urbana – edifícios, casas, ruas, postes, pontes, lojas, indústrias. Essa arquitetura, porém, talvez estivesse acompanhada de veículos e pessoas em suas trajetórias mais ou menos aceleradas em direção ao trabalho, à escola, à residência. A cidade, contudo, não pode ser vislumbrada somente como área organizativa, infraestrutural, de regulação de fluxos, movimentação de indivíduos e comércio. Ela é também sítio da construção dos saberes resultantes das mediações sociais – aquilo que é vivido, percebido, também faz parte do espaço urbano e da sua memória. Forma e conteúdo constituem, assim, a pólis enquanto lugar de atuação de sujeitos que produzem coisas e sociabilidades. Esses sujeitos, portanto, não somente organizam, mas produzem o espaço da cidade. (LEFEBVRE, 1999).

O historiador José D’Assunção Barros (2011), ao trazer um panorama das imagens que constroem o conhecimento sobre a cidade ao longo do século XX, cita o arquiteto Camilo Sitte como um grande incentivador da “possibilidade de enxergar a cidade como obra de arte

¹⁹ CARTA MAIOR. Chomsky: Lula é o preso político mais importante do mundo. **Carta Maior**. 24 abr. 2019. Disponível em <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Antifascismo/Chomsky-Lula-e-o-preso-politico-mais-importante-do-mundo/47/43949>. Acesso em 14 ago. 2019.

coletiva, reelaborada permanentemente tanto pelos seus eternos construtores como pelos seus diversos habitantes.” (BARROS, 2011, p. 193). Nesse sentido, a cidade seria não apenas um lugar de concentração de produtos artísticos, mas ela mesma uma obra de arte em si. Essa possibilidade de observá-la como um artefato, porém, é, segundo Barros (2011), contestada pelo arqueólogo Gordon Childe, que observa o espaço urbano como um sistema, e não simplesmente como um artefato arquitetônico.

Ao aprofundar a discussão sobre os tipos de sistemas, D’Assunção Barros (2011) destaca três deles – o circulatório (território de fluxos), defendido por Walter Isard; o ecológico (habitat natural do homem, o qual cumpre sua função dentro do organismo), assimilado pela Escola de Chicago; e o informático (análogo à estrutura de uma árvore, com estruturas sociais isoladas), contemplado por Christopher Alexander. Esse último sistema é questionado por endossar o isolamento das estruturas sociais, da interação e compartilhamento entre as vizinhanças, o que parece ser pouco provável mesmo em ambientes de segregação social, hierarquização ou setorização corporativa.

Milton Santos (2006), por sua vez, observa a cidade como um espaço geográfico, como um conjunto de sistemas de objetos e ações intervenientes, retroalimentadas, construídas e desconstruídas em instâncias sociais, culturais, econômicas. A cidade pode ser pensada, portanto, como um sistema composto de vários subsistemas interagentes em menor ou maior escala, com níveis distintos de influência que operam em situações e territórios de integrações e conflitos. Pode ser vislumbrada muito além das suas estruturas arquitetônicas, semáforos, veículos e sonoridades; além do fluxo de pessoas e mercadorias. Ela é constituída, também, pela diversidade de textos imagéticos, verbais e multimodais, num trânsito de representações que circulam, muitas vezes, despercebidamente diante dos olhos dos transeuntes, mas, em outras, provocam sensações, disrupturas, inquietações. A cidade é, também, texto. “Um texto que registra as atitudes de uma sociedade perante os fatos mais elementares de sua existência.” (BARROS, 2011, p. 94)

A seus habitantes, e por extensão a seus analistas, uma cidade fala eloquentemente dos critérios de segregação presentes em sua sociedade através dos múltiplos compartimentos em que se divide, dos seus acessos e interditos, da materialização do preconceito e da hierarquia social em espaço. Sua paisagem fala de sua tecnologia, de sua produção material; seus monumentos e seus pontos simbólicos falam da vida mental dos que nela habitam e daqueles que a visitam; seus caminhos e seu trânsito falam das mais diversas atividades que no seu interior se produzem; seus mendigos falam da distribuição de sua riqueza ao estender a mão em busca de esmolas. Cada um destes índices remete

às letras de um alfabeto que pode ser pacientemente decifrado pelos sociólogos, pelos historiadores, pelos urbanistas. A cidade, sem dúvida, pode ser “lida”. (BARROS, 2011, p. 202-203)

Os situacionismos, as pessoas, os monumentos, as tecnologias e tantas outras coisas podem ser lidas para decifrar o mosaico sociocultural da cidade. Também os grafites, as pichações e os lambes, com suas mensagens carregadas de limitações e potencialidades, podem ser lidos como reflexos de um recorte social, político e econômico. Mesmo impregnada de efemeridade, essa comunicação marginal constitui a história da cidade, tecendo ideias que provocam reflexões, alegrias, tensões; incita um descompasso estético e/ou analítico no cotidiano da urbe. Com “técnicas e políticas diferenciadas de acordo com o propósito de cada agente ou grupo em seu tempo e espaço definidos” (RAMOS, 2007, p. 1260), esse conteúdo textual se estabelece no contrafluxo da urbanidade contemporânea, do planejamento, provocando uma intervenção que para uns é cultura, arte, poesia; para outros, sujeira, crime, vandalismo.

3. Muros que falam

Em algum momento da existência humana, a necessidade de construir algo além dos instrumentos de uso diário foi acrescida da vontade de criar imagens. Acredita-se que, na era glacial, período em que coletores e caçadores ainda viviam em cavernas, o impulso *cro-magnon* de conceber imagens suplantou a mentalidade *neanderthal* de somente construir objetos (SANTOS; SANTOS, 2014). A vontade do homem de inscrever imagetivamente suas inquietações e vivências nos espaços que habita e passeia, portanto, advém de antes da escrita; os mais antigos registros artísticos encontrados datam de 30.000 a 25.000 a.C. (GUIDON; MARTIN, 2010). Não há consenso, contudo, quanto ao surgimento exato da primeira pintura rupestre, porém, existe a certeza de que a enorme diversidade de produções artísticas em sítios e povos distintos tem uma característica comum: o pragmatismo; ou seja, há uma finalidade na arte concebida ao longo dos séculos.

Em períodos evolutivos de ampliação da complexidade cultural, percebeu-se que a transmissão oral estaria aquém da necessidade sempiterna de registrar pensamentos,

comportamentos, narrativas, lazes e outras cotidianidades. (GUIDON; MARTIN, 2010). A evolução cognitiva do homem impulsionou, portanto, o desenvolvimento e aprimoramento do abstrato. Os primórdios da iconografia nas paredes remontam, destarte, não apenas diários imagéticos que compõem a rotina das pessoas, mas também recortes de tradições e particularidades de coletivos e indivíduos, delimitando estilos.

Os estudos da arte rupestre no âmbito da História da Arte apontam tanto os estilos generalizados, quanto cada artista, cada obra separada por linhas mestras estilísticas. A partir do entendimento que cada tradição, cada abrigo e paredão pintado com seus painéis possuem particularidades realizadas por seus autores ou ‘artistas’, o que se encontra é a variedade. [...] A evolução na forma de apresentação indica as diferenças culturais e cronológicas, presentes ao longo de toda história, sem esquecer a subjetividade de cada indivíduo. (PEREIRA, 2011, p. 26)

Se transpusermos este cenário dos traços nas paredes para a atualidade do grafite, do lambe e da pichação, podemos sugerir que esses se assemelham à arte rupestre; visto que ambos se constituem como fenômenos socioculturais que intentam firmar, esteticamente, tudo aquilo que é considerado importante para quem os registra. Trata-se de universos iconográficos e socialmente simbólicos, que representam “o testemunho de um determinado *modus vivendi* (forma de vida) e de um peculiar *modus operandi* (forma de fazer).” (ENDO, 2009, p. 04). Nesse sentido, as necessidades de registro, enquanto necessidades sociais, se efetivam como antropológicas.

As necessidades sociais têm um fundamento antropológico; opostas e complementares, compreendem a necessidade de segurança e de abertura, a necessidade de certeza e a necessidade de aventura, a da organização do trabalho e a do jogo, as necessidades de previsibilidade e do imprevisto, de unidade e de diferença, de isolamento e de encontro, de trocas e de investimentos, de independência (e mesmo de solidão) e de comunicação, de imediatez e de perspectiva a longo prazo. O ser humano tem também a necessidade de acumular energias e a necessidade de reunir essas percepções num ‘mundo’. A essas necessidades antropológicas socialmente elaboradas (isto é, ora separadas, ora reunidas, aqui comprimidas e ali hipertrofiadas) acrescentam-se necessidades específicas, que não satisfazem os equipamentos comerciais e culturais que são mais ou menos parcimoniosamente levados em consideração pelos urbanistas. Trata-se da necessidade de uma atividade criadora, de obra (e não apenas de produtos e de bens materiais consumíveis), necessidades de informação, de simbolismo, de imaginário, de atividades lúdicas. (LEFEBVRE, 2001, p. 105).

No trecho citado, Lefebvre faz alusão às necessidades do cidadão em relação ao espaço da cidade; de não apenas realizar trabalho e construção, mas também de deixar uma marca criadora no campo do imaginário, do simbolismo. Na cidade, os muros, que demarcam

territórios, funcionam também como mídia, como espaço sógnico para textos expostos aos seus transeuntes. Acreditamos que em período de rupturas democráticas, como o atualmente vivido, com crescimento da extrema direita no Brasil e no mundo, essas mensagens sirvam como discursos indicadores de dissidências e conflitos por vezes ocultados pelos meios de comunicação de massa.

No Projeto de Pesquisa Muros Que Falam, buscamos a compreensão sociológica e noticiosa dessas manifestações em períodos de crise política e rupturas democráticas, na observação da cidade como organismo vivo, pulsante e comunicante. Um dos principais procedimentos metodológicos que utilizamos é a publicação de fotografia da mensagem capturada no espaço urbano, acompanhada de crédito do autor, local da captura e legenda com análise noticiosa. Boa parte destas mensagens, divulgadas simultaneamente no *Instagram* e *Facebook*, têm extensão no *story*, por onde são lançadas pesquisas de opinião, enquetes e outras formas de interação com o tema em questão. Reuniões periódicas para discussão teórica e planejamento de ações práticas também são executadas com os discentes pesquisadores.

Em Mossoró, nosso primeiro campo de imersão etnográfica, as mensagens mais recorrentes encontradas até então se apresentam em forma de pichação e grafite. Esses dois tipos de manifestações estão teoricamente alicerçados no campo de estudo da folkcomunicação (BELTRÃO, 2001), teoria que pesquisa a cultura popular como meio de comunicação dos socialmente marginalizados. Os agentes dessa comunicação normalmente criam sua própria mídia para difusão de ideias ou mesmo ressignificação das mensagens lançadas pelos *mass media*, a qual, muitas vezes, divulga tais agentes de modo estereotipado ou mesmo os invisibiliza na grade de programação.

Acreditamos que o Projeto Muros Que Falam dá visibilidade às mensagens desses agentes, grafadas na cidade como poesia, grito, arte. A discussão sobre a criminalização do pixo e do grafite não é levantada, contudo, pois procuramos estabelecer uma análise sob a sociologia da comunicação, em sua abordagem noticiosa. Cabe dizer, todavia, que as pichações não são grafadas para agradar os olhares, “não podemos ‘gostar’ nem ‘não gostar’”, basicamente porque elas não se propõem a ser um objeto do gosto.” (OLIVEIRA, 2017) Essa é uma discussão que certamente divide opiniões; porém, tanto o pixo quanto o grafite se circunscrevem como mídia marginal que, historicamente, é grafada no espaço urbano como

voz daqueles aliados de participação ou representação positiva nos espaços institucionais de poder.

Uma das fotografias enviadas pelo seguidor João Portela, capturada em Brasília, afirma o caráter midiático dos muros para os populares; nela, é possível ler: “parede branca, povo mudo!”²⁰. No período atual de crescimento da extrema direita no Brasil e no mundo, as paredes da cidade também trazem protestos a favor da democracia e contra o golpe político. Em Mossoró, foram registrados textos como “-64, +69”, no Memorial da Resistência; “Levante resista, lute pelos seus direitos”, “Desobedeça” e “Força, companheirxs!” no Parque Municipal Maurício de Oliveira; “Moro, juiz do golpe”, “Globo golpista” na Avenida Presidente Dutra; “Lula inocente” e “Fora, Temer golpista” no centro do município. Em contrapartida, também no centro da cidade, pôde-se ler num muro “Lula, ladrão”. Maior parte destas fotografias estão dispostas no Instagram do projeto.

A postagem de maior repercussão foi um texto registrado na parede da própria UERN: “+Amor”, que alcançou 7.146 pessoas. Maioria das publicações alcançaram mais de 300 usuários cada uma. Não somente questões políticas foram bem curtidas. Frases como “Desaprenda, a vida é sua”, “Vamos falar sobre o tempo?”, “Minha voz é canção que não morre no ar” e “Seja você o amor da sua vida” também demonstraram apreço popular. Paralelas a elas, questões de afirmação identitária se apresentaram como debates necessários em frases como “Pretos e pretas estão se amando”; “Jesus, crush das LGBTQ+” e “Mulheres em luta”.

O consumismo e o uso de agrotóxicos também estiveram presentes nos muros. A pergunta “Você precisa de tudo o que compra?” foi o pixo capturado na parede externa da Loja Riachuelo; enquanto uma bruxa dando uma maçã envenenada à Branca de Neve foi o desenho registrado no muro do Colégio Estadual Eliseu Viana. Na ilustração, a bruxa diz: “Dessa vez, ela não escapa, é com agrotóxico!”.

Entre as dificuldades enfrentadas durante a execução do plano de trabalho do projeto, podemos citar a ausência de tempo e de bolsas para os discentes integrantes, que trabalham voluntariamente. A ausência de transporte, para maior circulação na cidade e registro das mensagens nos bairros mais distantes do centro urbano, pode também ser mencionada como um empecilho. A característica inovadora do projeto – o primeiro a ser realizado em Mossoró,

20

com tangibilidade à pesquisa da comunicação dos muros da cidade sob olhar sociológico e noticioso – gerou alguma dificuldade na consolidação dos procedimentos metodológicos, visto a lacuna de bibliografias próximas de referência. Tal lacuna, todavia, tem sido preenchida com debates com a equipe de pesquisa, imersões etnográficas e ajustes ao longo do trabalho.

Considerações finais

Partimos do pressuposto de que o ato de se comunicar e suas funções, ampliadas e complexibilizadas ao longo dos séculos, têm na linguagem seu instrumento basilar para apreensão e ressignificação das coisas do mundo. Das micro às macrorrelações sociais, das efemeridades às interações mais perenes, a linguagem semantiza o “tornar comum” e não pode ser analisada apartada da sua conjuntura social, política, econômica; o que justifica a análise do ponto de vista dialético.

Nossa pesquisa, contudo, não entra na seara de estabelecer distinções entre pichação e grafite, por exemplo. Buscamos um percurso de aproximação semasiológica, na tentativa de perscrutar o discurso dessa comunicação marginal no contexto da cidade; compreendendo essa como um espaço organizativo, estético, social e político; de apropriação e ressignificação da paisagem; de transitoriedade e intervenções individuais e coletivas.

Enquanto organismo vivo, a cidade – ora gerida por coletivos, ora gerindo a vida coletiva – vai se estabelecendo como lugar da administração, da moradia e do trabalho, mas também da produção de mitos e ritos, como galeria, como livro aberto, como território de reinvenção do cotidiano. Enquanto livro aberto, ela mesma conta a sua história transpassada na arquitetura das ruas e casarios; na mobilidade dos seus cidadãos; na efemeridade ou permanência das suas obras e diálogos; e também nos escritos deixados nos muros como berro, informação, poesia ou agressão, como expressão comunicativa incitante da percepção de quem por ela passa. Essas expressões, em tempo de cerceamento de liberdades, faz gritar os silenciamentos, consubstanciando-se como voz efetiva na luta pela democracia.

Referências

- BARROS, José D'Assunção. As imagens da cidade e os saberes urbanos. **Politeia: História e Sociedade**, Vitória da Conquista, v. 11, n. 1, p. 187-208, 2011.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação**: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressões de ideias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 2011.
- GUIDON, Niède; MARTIN, Gabriela. Arte global num único destino: a sobrevivência. In: **Anais do Global Rock Art**, 2009. São Raimundo Nonato-PI, 2010.
- HABERMAS, Jürgen. **Teoria do agir comunicativo**. v.1. Racionalidade da ação e racionalização social. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2012.
- LEFEBVRE, Henri. Para uma estratégia urbana. In: LEFEBVRE, H. **A revolução urbana**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.
- _____. Sobre a forma urbana. In: LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.
- OLIVEIRA, Rodrigo Cássio de. Grafite e pichação são formas de arte? **Estadão**, São Paulo, 03 fev. 2017. Estado da Arte. Disponível em: <https://cultura.estadao.com.br/blogs/estado-daarte/grafite-e-pichacao-sao-formas-de-arte/>. Acesso em 02 jun. 2019.
- PEREIRA, Thiago. Panorama da arte rupestre brasileira: o debate interdisciplinar. **Revista de História da Arte e Arqueologia**. Campinas-SP: Unicamp, ano 11, n. 16, p. 21-38, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://migre.me/wqa4o>. Acesso em: 14 ago. 2019.
- SANTOS, Felipe Caetano dos; SANTOS, Juvandi de Souza. Surgimento da arte pré-histórica e o seu desenvolvimento artístico. **Revista Tarairiu**. Campina Grande-PB, ano V, v. 1, n. 8, p. 43-50, ago. 2014. Disponível em: <http://migre.me/wtqbz>. Acesso em: 14 ago. 2019.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4 ed. São Paulo: EDUSP, 2006. Ebook. (Col. Milton Santos; v. 1).